

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**CURSO DE JORNALISMO**

**JOHN CLAY PACHECO BARRIGA**

**PROJETO EXPERIMENTAL DE GRANDE REPORTAGEM EM  
JORNALISMO IMPRESSO: DO ZERO AO MEIO: A TRAJETÓRIA DO  
ZERÃO, O ESTÁDIO QUE DIVIDE O MUNDO E O ESPORTE DO AMAPÁ**

**MACAPÁ-AP**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**CURSO DE JORNALISMO**

**JOHN CLAY PACHECO BARRIGA**

**PROJETO EXPERIMENTAL DE GRANDE REPORTAGEM EM  
JORNALISMO IMPRESSO: DO ZERO AO MEIO: A TRAJETÓRIA DO  
ZERÃO, O ESTÁDIO QUE DIVIDE O MUNDO E O ESPORTE DO AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte das exigências  
para a obtenção do título de bacharel em  
Jornalismo, sob orientação do professor  
Jacks Andrade.

**MACAPÁ-AP**

**2017**

## **RESUMO**

Através de entrevistas e relatos da imprensa ao longo de quase três décadas, o presente trabalho mostra a influência do estádio Olímpico Zerão na trajetória do esporte amapaense, com a presença de personagens diretos e indiretos da sociedade local que tiveram suas vidas movidas pelo desejo de desenvolvimento do esporte. O levantamento do trabalho resultou em uma grande reportagem que pretende servir de fator norteador para outras produções acadêmicas que evidenciem as praças esportivas no Amapá, além de provocar a grande mídia a destacar a importância desses locais. Ao longo das páginas por meio de elementos do jornalismo literário pode se perceber o objetivo de trazer à tona as sensações e emoções de quem teve a rotina e a vida alterada pelo único estádio do mundo dividido pela linha imaginária do Equador.

**Palavras-chave:** esporte, futebol, Zerão, história, grande reportagem, jornalismo esportivo, resgate histórico.

## **SUMMARY**

Through interviews and prize reports throughout each of the youngest, this work shows an influence of the Zerão Olympic stage in the trajectory of the amapaense sport, with a presence of direct and indirect personalities of the local society who fear their lives moved by the desire of development. The survey of the work resulted in a great report that intends to serve as a guiding factor for other academic productions that evidence as sports squares not Amapá, in addition to provoking a large media to highlight important aspects. Throughout the pages through elements of literary journalism one can perceive the purpose of bringing to the fore like sensations and emotions of those who had a routine and a life altered by the only stadium in the world divided by the imaginary line of Ecuador.

**Keywords:** sport, football, Zerão, history, great report, sports journalism, historical rescue.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	7
3. JUSTIFICATIVA.....	7
4. OBJETIVO GERAL.....	8
4.1. Objetivo específico.....	8
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
6. METODOLOGIA.....	14
7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	17
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
9. REFERENCIAL.....	20

## 1. INTRODUÇÃO

A história do mais conhecido palco do futebol amapaense, o estádio Milton de Souza Corrêa, o Zerão, ganha vida em uma reportagem que narra de forma detalhada os marcos que permearam as mais de duas décadas do único campo oficial de futebol no planeta a ser dividido pela Linha do Equador e a relevância do espaço – que também abriga outras modalidades – para o desenvolvimento do esporte amapaense.

Para isso, a grande reportagem “Do zero ao meio: a trajetória do Zerão, o estádio que divide o mundo e o esporte do Amapá” conta de forma detalhada e minuciosa os fatos marcantes, que vão desde a inauguração, em 17 de outubro de 1990, até os dias atuais, que recentemente teve como principal marco a instalação de uma pista de atletismo, o que fez o estádio também dividir atenção com demais atividades esportivas.

Para alcançar a proposta, a reportagem divide-se em 16 páginas, editadas em formato de revista. Ao longo do texto, existirá a contextualização histórica do estádio Zerão e seus principais fatos em mais de duas décadas a fim de trazer o ineditismo além da cobertura jornalística na temática baseada somente a resultados esportivos.

Como forma de contextualização, cabe, de antemão, fazer um pequeno resgate histórico do estádio Zerão. Uma das primeiras curiosidades da praça esportiva está no próprio nome. O apelido carinhosamente falado pelos torcedores amapaenses antes era o nome oficial em alusão ao lugar onde o campo foi construído: exatamente no meio do mundo. Isto é, a latitude nesse local é zero. Além do mais, o bairro do estádio chama-se Jardim Marco Zero. Outra peculiaridade é que ele chegou a ter dois nomes oficiais em um único ano. O primeiro foi após a morte do piloto brasileiro de Fórmula 1, Ayrton Senna, em 1º de maio de 1994, o que foi alterado meses depois para Milton de Souza Corrêa<sup>1</sup>, desportista conhecido localmente, morto aos 67 anos em um acidente de carro, em 18 de agosto daquele ano.

O atual nome que batiza oficialmente o Zerão deve-se pela relevância de Milton Corrêa para o desporto amapaense. Fundador do Guarany Atlético Clube, em 1955 – antiga potência do futebol, voleibol e natação –, também foi presidente do Conselho Regional de Desportos (CRD), atual Federação Amapaense de Futebol. Ele ainda era sócio-

---

<sup>1</sup> Quem foi Milton de Souza Corrêa, que dá nome ao estádio 'Zerão', no Amapá. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2014/02/quem-foi-milton-de-souza-correa-que-da-nome-ao-estadio-zerao-no-amapa.html>. Acesso em 5 de agosto de 2017.

proprietário do Esporte Clube Macapá, além de se destacar na área da comunicação, chegando a dirigir o extinto “Jornal Informativo” e atuar na Rádio Difusora de Macapá.

O próprio evento de inauguração do Zerão foi um marco que ultrapassou as fronteiras da magia da abertura de um estádio novo. Na ocasião, o pontapé inicial da partida inaugural entre Independente e Trem foi dado pelo então presidente Fernando Collor de Melo, acompanhado por Arthur Coimbra, o Zico, ídolo pelo Flamengo e Seleção Brasileira.

Além dele, o Zerão foi palco de partidas de grandes equipes brasileiras, como o próprio rubro-negro carioca, em 2005, em confronto com casa cheia pela Copa do Brasil contra o Ypiranga. Mais recentemente, após a reinauguração, o estádio abrigou uma partida amistosa entre a Seleção Brasileira Sub-21 contra a Seleção Amapaense e; a partida entre os xarás Santos do Amapá diante do Santos de São Paulo. Mais de duas décadas depois de ter participado da inauguração do Zerão, o ídolo Zico voltou ao mesmo gramado, mas desta vez para um amistoso entre atletas máster amapaenses contra figuras conhecidas do futebol nacional, como Jorginho, Junior Baiano e Athirson.

De administração pública, o Zerão também sofreu ao longo do tempo com as gestões que passaram pelo governo do estado. Fechado em 2005 para reforma, a reabertura ocorreu somente nove anos depois de forma inacabada. Somente em 2015, a obra foi totalmente entregue a partir da instalação da pista de atletismo ao redor do gramado, tornando o Zerão um estádio olímpico, o segundo desse tipo na região Norte, ao lado do Mangueirão, em Belém, no Pará.

Após a reinauguração, o Zerão passou a ser o principal palco do futebol do Amapá, sendo que desde 2015, o estádio foi o único a ser utilizado para partidas oficiais do Campeonato Amapaense, Copa Verde e Copa do Brasil e Série D do Campeonato Brasileiro.

Além disso, com a pista de atletismo, o Zerão ganhou novos atores. Em paralelo aos holofotes do futebol, outras modalidades ganharam um espaço para a realização de treinos por ser o único lugar a reunir estrutura para as atividades, a exemplo de corridas de velocidade, salto em distância, arremesso de peso e dardo, fazendo com que as modalidades tivessem um salto no aspecto de preparação para competições em âmbito nacional, conforme narrado no decorrer da reportagem, que ainda traz a frustração de Macapá ter perdido a chance de ser sub-sede de seleções para a Copa do Mundo de

2014, no Brasil. Nesse caso, a conta caiu sob a estrutura da própria cidade e não do estádio.

## **2. PROBLEMA DE PESQUISA**

Apesar de ter um histórico repleto de glórias, casos curiosos e de oferta de desenvolvimento da prática esportiva do Amapá, o estádio Zerão ainda deixa de ocupar os conteúdos esportivos jornalísticos de veículos de comunicação quanto ao seu aspecto de protagonista no cenário do desporto.

Por se tratar de uma reportagem, o problema da pesquisa ancora-se nessa lacuna deixada pela cobertura de mídia do Amapá sobre esse olhar diferenciado voltado para o Zerão.

Nesse sentido, procuramos identificar e problematizar esses vazios jornalísticos, com destaque para aspectos e abordagens capazes de contextualizar e compreender o sentido do Zerão na vida dos profissionais que permeiam a área esportiva do Amapá. Com base nisso, cabe elencar a seguinte pergunta como norte da pesquisa: como a construção do Zerão em um território recém-transformado em estado contribuiu para o avanço do desporto local, a forma como afetou o dia-dia profissional dos atores envolvidos na temática e de que maneira ele tornou-se protagonista no desporto amapaense?

## **3. JUSTIFICATIVA**

Ao considerarmos a afirmação de Sodré e Ferrari (1986, p.11) de que a reportagem pode ser entendida como uma “extensão da notícia, e por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso”, o presente trabalho experimental busca expandir o conhecimento sobre o maior e mais importante estádio de futebol do Amapá e sua relevância para o esporte amapaense.

A grande reportagem vai traçar um resgate histórico, a partir de marcos, de forma minuciosa a fim de trazer à tona aspectos não abordados habitualmente pela imprensa amapaense. O trabalho experimental ainda visa atender a necessidade de ampliação dos fatos para dimensões contextuais da influência do Zerão no dia-dia dos atletas, clubes e jornalistas.

A proposta do material é mergulhar a fundo nos fatos de forma cronológica e didática para possibilitar a melhor compreensão sobre os marcos que rodeiam o Zerão

de maneira não convencionais do tratamento diário e superficial dado a notícias do cotidiano.

Ao fim deste estudo, espera-se que o mesmo sirva como material acadêmico sobre os cenários dos campos jornalístico e esportivo locais, além de instigar em relação aos desafios que uma reportagem em profundidade enfrenta em uma cobertura não habitual do jornalismo praticado nessa temática editorial.

#### **4. OBJETIVO GERAL**

Produzir uma grande reportagem sobre o estádio Zerão e seus desdobramentos como potencial protagonista do desenvolvimento do esporte no Amapá e suas influências no dia-dia de atletas e jornalistas.

##### **4.1. Objetivos específicos**

- Fazer um resgate histórico sobre o estádio Zerão, em Macapá;
- Abordar como a construção de um estádio afetou a vida de atletas e jornalistas da referida especialidade;
- Produzir proposta gráfica e editorial da reportagem, a partir de estudo sobre edição, jornalismo e planejamento gráfico;
- Produzir a reportagem, a partir das técnicas de entrevista e pesquisa jornalística.

#### **5. REFERENCIAL TEÓRICO**

Como possibilidade de ampliar a leitura dos fatos, segundo Edvaldo Pereira Lima (1995), a reportagem surge como aporte de conhecimento ao receptor de conteúdos jornalísticos através da contextualização de determinadas nuances do cotidiano. Essa maneira de fazer jornalismo começou a ser praticada, propriamente dito, em veículos periódicos dos anos 1920, com jornalistas que buscavam costurar fatos que anteriormente resumiam-se somente a relatos de forma avulsa, sem ligação.

A reportagem começa a se esboçar definitivamente no jornalismo, atrelada a um novo veículo de comunicação periódica criada nos anos 20 (...) a imprensa estava muito ligada aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma relação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos (...) por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade



de mensagem jornalística batizada de reportagem. É a ampliação de um relato simples, raso, para uma dimensão contextual. (LIMA, 1995, p. 27)

Eduardo Belo (2006, p.88) complementa o pensamento afirmando que “à reportagem cabe dar a dimensão dos fatos. Informações que permitam ao leitor concluir como as coisas se conectam no mundo, como interferem na sua vida”.

É válido ressaltar, que sobre o aspecto de linguagem, a reportagem é menos rígida do que habitualmente uma notícia exige do jornalista. Essa menor rigorosidade, no entanto, não pode ser confundida com um texto desconexo ou incoerente a partir de uso de palavras e frases em desacordo com o caráter jornalístico. Nilson Lage (2005) explica que sobre esse aspecto, o estilo da reportagem pode se dispor a partir de uma inversão do lead, por exemplo. Além disso, em casos de revistas, há uma supervalorização das fotografias.

As revistas ilustradas costumam tomar como ponto de partida para o texto as fotografias do leiaute (o editor de revistas ilustradas é mais editor de fotografias do que de texto). Em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu na primeira pessoa. A linguagem também é mais livre: os novos jornalistas americanos propuseram, na pós segunda guerra mundial, adotar técnicas literárias para abordagem mais humana e reveladora da realidade. (LAGE, 2006, p.55)

Os “novos jornalistas”, citados por Nilson Lage, aliás, faz alusão à corrente *new journalism*, que tem como propulsores dessa prática autores norte-americanos, que reinventaram a maneira de narrar acontecimentos. Um clássico exemplo dessa vertente é a obra “A Sangue Frio”, de Truman Capote. Também podemos citar Gaye Talese, Tom Wolfe, entre outros. Ressalta-se que o movimento não é inteiramente norte-americano, tendo em vista demais autores expoentes, como o colombiano Gabriel Garcia Márquez e o mexicano Manoel Gutierrez Najera.

Para Edvaldo Pereira Lima (2003, p.10), essa maneira de narrar um acontecimento “é um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos”. Assim, espera-se do jornalista um estilo individualizado na condução do texto a partir de suas próprias características como narrador.

Essa maneira de fazer reportagem é vista com certa frequência em revistas. Lustosa (*apud* AZUBEL, 2013) detalha que a matéria desse tipo de publicação é descompromissada com o factual e com os fatos do dia-a-dia, dando ao jornalista a

possibilidades além do que teria no cotidiano, a exemplo de uma narrativa analítica e interpretativa.

A matéria de revista é geralmente uma reportagem descompromissada com o factual e com os acontecimentos rotineiros, objetivando muito mais uma interpretação dos fatos e a análise de suas consequências, pois raramente pode ou procura oferecer novidades no sentido do que é assegurado pelas emissoras de televisão, de rádio e pelos jornais (LUSTOSA *apud* AZUBEL, 2013, p. 260)

Ainda sobre revista, Tavares (2012) complementa que a publicação se consolidou na comunicação em razão do fortalecimento de sua vertente editorial, ligado ao aspecto além do limite do cotidiano.

Historicamente, a revista consolidou-se como um produto jornalístico cuja identidade foi elaborada não só no diálogo e concorrência com os outros meios, principalmente impressos, mas também no amadurecimento de um patrimônio de processos editoriais ligados a aspectos jornalísticos e também a outros institucionais e sociais. Tanto na abordagem de acontecimentos quanto na “tradução” de temáticas da vida social, a revista segmentou-se e passou a ser desenvolvida por grandes empresas e corporações, trazendo para a sua elaboração editorial um complexo fazer. (TAVARES, 2012, p.102).

No caso da grande reportagem, também chamada de reportagem especial (SQUIARISI; SALVADOR, 2004), o seu processo de produção requer um tratamento diferenciado em relação às notícias do cotidiano do jornalista, o que é exigido em razão da característica atemporal do conteúdo, dando abertura para um trabalho aprofundado.

Algumas notícias, pela importância, dimensão ou impacto, requerem tratamento especial. Costumam ser mais longas que as factuais e extrapolam os acontecimentos do dia anterior. Uma especial e objetiva trata com profundidade assunto específico, relevante e atemporal. Exige muita transpiração pelas horas consumidas na busca das melhores fontes, entrevistas e, não raro, o repórter tem de fazer viagens. E muito esforço na construção de texto capaz de apresentar as informações de tal forma que mantenha a atenção do leitor até o fim. (SQUARISI; SALVADOR, 2004, p.60).

Os autores também corroboram com o entendimento citado anteriormente por Nilson Lage sobre a falta de prioridade para o *lead* tradicional. Na reportagem, o jornalista é livre para ordenar as informações na ordem que acreditar ser mais interessante para o consumidor do conteúdo produzido. Cabe frisar, no entanto, que em

razão do grande volume de informações apurada pelo repórter, é importante que o texto não perca a ideia condutora da proposta a fim de que a notícia não deixe de ser atraente.

A especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia-a-dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção. No caso, o modelito o que-quem-quando-onde-como-por que não tem vez. Pior: não há modelo pronto. Abre-se campo para talentos. Mas, como tudo em que o céu é o limite, apresenta riscos. Erros gramaticais doem nos ouvidos, informações incompletas ganham dimensão de catástrofe e a falta de encadeamento lógico das ideias desanima o leitor. Boas reportagens especiais são resultado da conjunção de apuração rigorosa e texto bem cuidado. Uma depende do outro. O volume de informações pode levar o repórter a perder o fio condutor da história, atralhar-se em detalhes irrelevantes e deixar a notícia escapar pelos dedos. A recíproca é verdadeira. Sem saber aonde chegar, o repórter perde tempo em apurações infrutíferas, ouve fontes erradas e até se excede nos personagens repetitivos. Ter claro o objetivo é o segredo para sair ileso do labirinto. (SQUARISI; SALVADOR, 2004, p.60).

Sobre esse prisma de reportagem, Viviane Birolli (2002, p.10) especifica que no jornalismo esportivo “as regras instituídas para a composição do lead, por exemplo, têm pouca relevância na editoria” porque nesta seção “é permitida a criação, a liberdade, a inovação, enfim, muitas estratégias são desenvolvidas para a tematização” do esporte. “Pela própria pluralidade do campo esportivo, o jornalista é levado a abandonar certas regras para incorporar novas formas nas coberturas” (BIROLI, 2002, p.11).

Com base no aprofundamento dos fatos, a reportagem, portanto, tem “a função de conduzir o leitor a um posicionamento crítico, ao iluminar e ampliar a sua visão sobre determinado assunto” (LIMA, 1995, p. 29).

Neste sentido, a fim de tornar a abordagem do tema sobre o estádio Zerão de forma mais ampla, decidiu-se pela elaboração da grande reportagem, que segundo Prizibiszki (2007, p.1), é um importante modo de fazer jornalismo no mundo ocidental, principalmente no Brasil, escritos por jornalistas que procuram “unir o apuro jornalístico ao verniz estético da linguagem literária”.

Como elencado anteriormente, os relatos jornalísticos feitos em grande reportagem têm como uma das características principais a profundidade da abordagem, causando envolvimento do jornalista, que acaba por se dedicar ao fato, resultando em pluralidade de fontes, documentos e áreas de conhecimento que possam colaborar com a construção do material produzido.

No caso sobre o Zerão, a necessidade de ampliação dos fatos do entorno do principal palco futebolístico amapaense vai de encontro com superficialidade de como a imprensa do estado trata o estádio como protagonista do desporto local.

Dentro desse contexto da importância de ampliar os horizontes sobre determinado fato através da grande reportagem, o jornalismo esportivo é uma das áreas que mais proporciona debates com dimensões maiores.

Para Birolli (2002), o jornalismo esportivo é considerado a editoria mais autônoma dentro de um veículo de comunicação e por essa razão os jornalistas que atuam nessa temática têm mais liberdade às margens de influências sobre a produção de conteúdo, provocando com que temas relacionados à seção forcem reportagens.

Dentro da hierarquia do jornal, a editoria de esportes é a que tem mais autonomia, pois há menos entrave na análise do esporte do que da política ou economia, por exemplo. Neste sentido, os colunistas, em particular, desenvolvem um trabalho ímpar para a legitimação e institucionalização do campo esportivo, na medida em que promovem uma grande 'falação' acerca de fatores que consideram relevantes e de interesse público e/ou público. (BIROLLI, 2002, p.2).

Frisa-se que, além de ser uma editoria autônoma, o jornalismo esportivo produz sentidos por envolver emoções que permeiam as disputas. Isso torna a temática uma das mais privilegiadas dentro dos veículos de comunicação.

Nos jornais, o esporte 'habita', via de regra, as últimas páginas, consideradas, juntamente com as primeiras, as mais atrativas e privilegiadas do conteúdo jornalístico. Assim, ele tem um status diferenciado das demais editorias, pois é tematizado em lugares considerados especiais. Além disso, as colunas especializadas têm amplo destaque. Na televisão, o esporte é uma das poucas práticas que tem amplo espaço, com vários programas especializados. (BIROLLI, 2002, p.9).

Essa conquista de espaço pelo jornalismo esportivo, no entanto, não começou assim. No Brasil, essa vertente começou em 1856 com *O Atleta*, periódico do Rio de Janeiro que orientava ensinamentos de aprimoramento da forma física aos seus leitores. O outro jornal especializado surgiu somente em 1886, em São Paulo, com o título *Sport* (SILVEIRA, 2009).

Além desses dois, os demais costumavam a destinar somente pequenos espaços para notas em páginas pouco valorizadas, o que mudou a partir do fim dos anos 1950, quando o Brasil conquista a primeira Copa do Mundo, provocando diversos veículos

para que abrissem as portas para o jornalismo esportivo ao notarem como o rádio chamava atenção do público para acompanhar as partidas da seleção brasileira.

Nesse período nasce a primeira revista do tipo, a Revista do Esporte. A outra de grande notoriedade surgiu nos anos 1970, a Placar, que circula até os dias atuais.

Com a popularização da editoria esportiva, outros esportes além do futebol ganharam espaço nos conteúdos noticiosos da mídia, dando característica de jornalismo especializado à seção em razão do grande volume de informações que passaram a ser abrangidas pelos profissionais que atuavam nessa temática.

O esporte possui uma variedade de modalidades, com vocabulários distintos, regras completamente diferentes umas das outras. Assim, só um modo de definir esse tema: superespecializado. Mais do que atenção, o jornalista precisa mesmo saber do que está tratando. É impossível, para apenas um jornalista ter conhecimento detalhado de todos os esportes, por isso, a divisão nas maiorias das editorias brasileiras é de Futebol e Outros Esportes. (...) Apesar de especializar-se em poucos esportes, a fim de falar, escrever apresentar, enfim, de uma forma mais completa, com melhor qualidade, o jornalista também deve estar preparado para, se necessário, tratar sobre diferentes modalidades. (SILVEIRA, 2009, p. 53-54).

Além do mais, o jornalismo esportivo ganhou aspectos de especializado por ser híbrido. Isto é, existe uma inter-relação da editoria com demais, como ocorre, por exemplo, na cobertura das investigações penais contra o ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira<sup>2</sup>. Nesse caso, somado ao esporte, a política também aparece em jogo na cobertura jornalística.

A especialização esportiva é uma consequência de vários fatores, como a própria divisão do trabalho jornalístico e a diversificação do campo esportivo, que pertence a muitas áreas de conhecimento como as ciências humanas, da saúde, da pedagogia, da comunicação, do movimento humano, etc. Os acontecimentos esportivos não se limitam ao campo da competição, uma vez que representam também aspectos culturais, econômicos, políticos, etc. (BIROLI, 2002, p.13).

Pontua-se que, se for considerado especializado, além do entretenimento, a editoria esportiva passa a ser revertida de outras duas características: a de orientar o indivíduo em meio a tantas informações no cenário do esporte e estabelece uma função

---

<sup>2</sup> PGR pede transferência do procedimento penal contra Ricardo Teixeira. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/pgr-pede-transferencia-do-procedimento-penal-contra-ricardo-teixeira.ghtml>. Acesso em 6 de agosto de 2017.

social de atender determinado grupo de público que encontra no espaço reservado para o referido assunto o seu verdadeiro de interesse de consumo de informação noticiosa (SILVEIRA, 2009).

## **6. METODOLOGIA**

O processo de construção de uma grande reportagem é o mesmo de uma notícia do cotidiano, com a realização de pesquisas, pauta, entrevistas e apuração detalhada. No entanto, a maneira como essas etapas são realizadas acontece de forma bem mais aprofundada, de acordo com as exigências que o produto requer.

Uma das principais etapas na construção de uma grande reportagem é a coleta de informações para subsidiar a proposta da publicação. Segundo Nilson Lage (2005), complicada ou não, a pesquisa se torna a melhor maneira para a prática do bom jornalismo. “Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter em geral, se apaixona” (LAGE, 2005, p. 138).

Assim, foi realizada uma pesquisa de forma aprofundada sobre o estádio Zerão e seus desdobramentos para que a grande reportagem pudesse ser assegurada a partir de um conhecimento sólido no decorrer da construção narrativa do texto e nas entrevistas com os atores que fizeram parte da história do lugar.

Ao traçar um manual sobre livro-reportagem, Eduardo Belo (2006) frisa que a pesquisa dá o caminho e fornece ideias de construção da obra para o jornalista. “Não existe reportagem sem pesquisa. Por menor que seja. Ela constitui a fase inicial da apuração. É dela que o jornalista vai tirar os fatos básicos e as ideias que não nortear o trabalho, das entrevistas ao texto final” (BELO, 2006, p. 93). Apesar de características diferentes, pode-se aplicar o mesmo entendimento do livro-reportagem para a grande reportagem.

Esse aprofundamento deve-se pelas próprias características da reportagem, que “não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto ou do relato de um episódio complexo” (LAGE, 2006, p.54). Essa etapa, no caso da grande reportagem deste projeto experimental, foi realizada através de resgate de publicações impressas e virtuais relacionadas ao tema. Ficou evidenciado durante a pesquisa que a maioria dos relatos históricos e de influência sobre o estádio está em veículos de imprensa, como sites e blogs esportivos. Também foram encontrados vídeos em relação à temática publicados em sites de hospedagem de conteúdo, como o YouTube.

A função primordial da pesquisa foi atestada na grande reportagem por causa da etapa seguinte ao processo de produção, que é a elaboração da pauta, também usada como instrumento norteador neste projeto experimental de conclusão de curso.

Por se tratar de um conteúdo fora do contexto do cotidiano, a pauta da grande reportagem também é diferente do habitual, apesar de suas aproximações entre si. “Ela precisa de mais detalhamento, de modo a permitir uma antevisão do que será o produto final. Precisa prever os caminhos da apuração, tem de seguir e antecipar, pelo menos em parte, o resultado final” (BELO, 2006, p. 75).

Lage (2005, p.34) corrobora o conceito de pauta como sendo “o planejamento de uma edição ou parte de edição, com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas”. É nessa etapa, aliás, que o autor – em outra obra - faz a diferença da reportagem para a notícia.

A distância entre reportagem e notícia estabelece-se, na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. (...) Reportagens supõem outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis (a informação é matéria-prima abundante, como o ar, e não carente, como o petróleo) e podem ou não ser atualizados (ou tornados oportunos) por um acontecimento. Faz-se reportagem sobre a situação da classe operária, a propósito de uma onda de greves e sem nenhum motivo especial. A pauta deve indicar de que maneira o assunto será abordado (a linha editoria); prever que tipo de ilustrações, e quantas, a reportagem terá; precisar o tempo de apuração, os deslocamentos da equipe, o tamanho e até a linha editorial da matéria. Para tudo isso, é preciso dispor de dados. (LAGE, 2006, p. 55).

Foi nessa fase que a grande reportagem do estádio Zerão teve seu caminho traçado, com indicações de fontes, possíveis indicações de imagens para compor o conteúdo, enquadramento, quantidade de páginas e diagramação.

Nesse contexto, uma técnica que deu aporte substancial metodológico para a grande reportagem foi a entrevista “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo” (LAGE, 2005, p. 34).

A reportagem ouviu quem de fato teve sua atividade profissional (jornalistas, autoridades e atletas) e lazer (torcedores), a fim de trazer à tona a visão de cada um sobre a influência do desporto para deixar a reportagem contextualizada e proporcionar

uma melhor dimensão dos acontecimentos além da ótica interpretada pelo próprio autor da narrativa deste projeto experimental.

Eduardo Belo (2006) ressalta que para chegar a determinado volume de informações que possa subsidiar a construção da reportagem é fundamental investir de maneira paralela nas entrevistas.

É necessário investir em pesquisa e entrevistas. Da pesquisa, o autor tem a possibilidade de valer-se de documentos que fundamentam o conteúdo da obra. Da entrevista, capta o detalhe, a percepção humana das coisas, o caráter psicológico dos personagens e a impressão que os fatos causaram a quem os vivenciou. (BELO, 2005, p. 89)

Também sobre entrevistas, costumeiramente, elas são lembradas como prática do exercício profissional dos repórteres, sendo a base para elaboração de um conteúdo considerado de qualidade. Cunha (2012) ao se debruçar sobre o aspecto metodológico da entrevista, aponta que ela é o fundamento do repórter.

Em qualquer circunstância, a função básica de um jornalista envolve uma pergunta e sua resposta, uma questão e sua resolução, uma proposição e uma contestação. A primeira resposta, se insatisfatória, provoca a segunda pergunta. É assim que se move o ser humano, é assim que opera o jornalismo, é assim que trabalham seus profissionais. A preparação, precisão e compreensão são condições determinantes na composição coerente de uma entrevista sólida acabada e produtiva. (CUNHA, 2012, p. 73).

As entrevistas também são colocadas como primordiais por Lago (2008) por ser uma oportunidade de contato direto do pesquisador com o pesquisado a fim de dirimir questões instigadoras ao longo da pesquisa. Metodologicamente, o indicado é que ela não seja com questionamentos fechados a fim de possibilitar respostas ricas de conteúdo. Além do mais, uma técnica para atrair confiança do entrevistado é a “desburocratização” da entrevista através de conversas casuais.

O ouvir, alcançado mediante entrevistas com profundidade, abertas, mas também diálogos casuais, ajuda o pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais etc. O número de informantes que serão ouvidos dependerá da pesquisa realizada, do objeto em questão, enfim, do *feeling* do pesquisador (repórter). O importante é ter claro que “ouvir” faz parte do trajeto, uma escuta específica que deve ser mais aberta possível. (LAGO, 2008, p. 52).



Por outro lado, Becker (1997) alerta para um aspecto na relação entre pesquisador e entrevistados:

“O entrevistador tem que se lembrar sempre que o cinismo pode estar subjacente a um idealismo fútil. Em muitas situações, os entrevistados o percebem como pessoa potencialmente perigosa e, temendo que descubra segredos que seria melhor esconder do mundo exterior, lançam mão da ‘linha oficial’”. (BECKER, 1997, p. 79)

Na apuração, foram realizadas dez entrevistas com jornalistas, atletas, autoridades e torcedores. A escolha dos atores se deu em razão da potencial influência do estádio na vida dessa pessoa a partir do subsídio de pesquisa realizada antes da elaboração da pauta. Esse filtro deve-se pelo cuidado na apuração de maneira aprofundada, tendo em vista a relevância do tema e para não proporcionar nenhuma inquietação ao leitor. “Rigor na apuração significa dirimir quaisquer dúvidas. É importante não deixar pontas soltas” (BELO, 2006, p. 89).

## **7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

No caso dessa grande reportagem sobre o estádio Zerão, o conteúdo resultou em seis eixos que subsidiam o conteúdo histórico e de influência da praça esportiva no contexto temático local.

O primeiro inclui o item “Novo estado, novo estádio”, que relaciona o projeto e a inauguração da praça esportiva em 1990 com a elevação do Amapá dois anos antes a condição de estádio. Os relatos mostram que ainda era forte a presença do governo central sobre a federação recém criada, além de toda a expectativa para um novo palco do esporte local.

O segundo eixo é específico sobre o nome do Zerão, atualmente batizado de Milton de Souza Corrêa. O trecho inclui os capítulos relembra o primeiro nome do local, chamado de Ayrton Senna em função da morte recente do piloto à época. Detalha sobre as alterações e conta a trajetória do atual homenageado.

Em seguida, o tópico “Bola rolando e arquibancadas lotadas” destaca a chamada “Era de Ouro” do estádio, que contou com grande presença de público e jogos empolgantes nos primeiros anos da década de 1990, incluindo entrevistas com jornalistas sobre o envolvimento do público naquela época.

O “Rei do Zerão”, o ex-jogador Ramundo Miranda, é o citado no quarto eixo, que fala da trajetória do primeiro e maior artilheiro do Zerão. Essa parte conta com a entrevista feita com o craque em que ele detalha a grande procura do público amapaense pelo futebol nos primeiros campeonatos estaduais realizados na era profissional.

A queda na empolgação e o fechamento temporário do estádio estão destacados no quinto eixo, que inclui os itens “Descaso e portões fechados”, “O sonho de Olimpíada e Copa do Mundo” e “Pista de Atletismo e o retorno de Zico” que contam a saga do palco esportivo que praticamente foi abandonado até a volta triunfal. Os trechos contam com depoimento de atletas e com o gestor de esportes da época.

O último eixo “O que vi, vivi e virá” é uma reflexão do autor sobre os aspectos identificados ao longo da pesquisa, além da expectativa para os próximos anos visando principalmente a elevação do desporto amapaense, como fator desenvolvedor social, político e econômico.

Quanto ao aspecto gráfico, a composição de dimensão definida para o formato revista, com tamanho de página A4, medindo 21 centímetros de largura por 29,7 centímetros de comprimento devido a facilidade de leitura causada a partir do tamanho compacto proposto. Para ilustrar o tamanho, é o equivalente a uma página A3 dobrada ao meio

A reportagem também teve cuidado para definir a sua diagramação, que nada mais é que a configuração gráfica de uma mensagem colocada em determinado campo, que serve de modelo para sua produção em série (SILVA, 1985).

A fim de possibilitar descanso visual, a composição da diagramação se deu por deixar espaços em brancos ao redor do texto para que o leitor possa discernir rápido e confortavelmente, aquilo que para ele representa algum interesse (SILVA, 1985).

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma sociedade pode ser reconhecida pelos seus hábitos, culturas, crenças e monumentos históricos, e talvez seja isso que o Zerão mereça ser reconhecido. Com estrutura que não deixa nada a dever aos estádios do Norte, o palco da Zona Sul de Macapá vive dias sem brilho, mas de muita esperança, principalmente daqueles que no futuro podem se tornar os novos campeões ou medalhistas. Quem já passou ou passa por aquelas arquibancadas também tem a clara noção de que aquele palco ainda vai trazer muito orgulho para o povo do Amapá.

Ouvir desportistas, jornalistas e cidadãos comuns ajudou a contar um pouco da relevância daquele gramado na vida de quem respira e não respira esporte. No semblante de todos os entrevistados foi possível perceber o entusiasmo, de que algo

pode mudar e ser diferente. Que o investimento público e privado pode ser maior, que alcance mais eventos e atletas, e também que os setores responsáveis pela manutenção não deixem o estádio viver o abismo que passou entre 2005 e 2014.

## 9. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. Jornalismo de revista: um olhar complexo. **Rumores**, Brasil, v. 7, n. 13, p. 257-274, July 2013. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942>>. Acesso em: 3 de agosto de 2017.

BECKER, Howard S. Evidências de trabalho de campo. In. \_\_\_\_\_. **Métodos da pesquisa em ciências sociais**. 3ed. São Paulo, Hucitec, 1997.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In **Anais... XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Salvador/BA, 2002. Disponível em <<http://evaldomagalhaes.tripod.com/jornalismoesportivo1.pdf>> Acesso em 3 de agosto de 2017.

CUNHA, Luiz Claudio. A entrevista: fundamento, perguntas e condições. In: MAROCCO, Beatriz. **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Record: São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Estrutura da Notícia**. Atlas: São Paulo, 2006.

LAGO, Claudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. In. \_\_\_\_\_, BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo**. Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **New journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. São Paulo, Summus, 1986.

SILVA, Rafael Souza. **Diagramação: O planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Annablume, 1985.

SILVEIRA, Nathália Ely da. Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas. **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009. Disponível em

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf?sequence=1>>  
Acesso em 4 de agosto de 2017.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Aríete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto.** Contexto: São Paulo, 2005.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Sobre o jornalismo de revista e seu infinito singular. **Revista Contracampo**, n. 25, p. 97-116, 2013. Disponível em <[http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5579/1/ARTIGO\\_SobreJornalismoRevista.pdf](http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5579/1/ARTIGO_SobreJornalismoRevista.pdf)>. Acesso em 5 de agosto de 2017.

Zerão: maior palco do futebol do ap está em reforma há 8 anos. Globo Esporte. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2013/06/zerao-maior-palco-do-futebol-do-ap-esta-em-reforma-ha-quase-10-anos.html>

Ex-jogadores cobram reformas no Estádio Glicério Marques, no AP. Globo Esporte. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ap/futebol/noticia/2017/02/ex-jogadores-cobram-reformas-no-estadio-glicerio-marques-no-ap.html>